

“FILOSOFIA NO MERCADO”: A SENSIBILIZAÇÃO DE ALUNOS DA ESCOLA PÚBLICA PARA A LEITURA E APRECIÇÃO DAS OBRAS CLÁSSICAS

Autora: Neuma Antonia da Silva
Orientadora: Dra. Maria Simone Marinho Nogueira

Universidade Estadual da Paraíba – neuma.a.silva@bol.com.br
Universidade Estadual da Paraíba – mar.simonem@gmail.com

Introdução.

Nicolau de Cusa, filósofo alemão, no ano de 1450, escreve uma obra intitulada *Idiota* (do latim, iletrado), dividida em quatro livros: Livro I e II *De sapientia* (sobre a sabedoria), Livro III *De mente* (sobre a mente) e Livro IV *De staticis experimentis* (sobre os experimentos da balança). Os livros foram escritos em forma de diálogos e neles aparecem três personagens: o idiota (homem simples e iletrado), o filósofo aristotélico e o orador do fórum romano. As principais ideias da sua complexa filosofia ali aparecerem, mas chama a nossa atenção a ideia de o personagem principal, ou seja, aquele que conduz todo o diálogo, ser o homem simples e iletrado. Assim, logo no início do livro I, nos deparamos com a seguinte cena:

Um iletrado, homem pobre, encontrou no fórum romano um orador muito rico e, sorrindo-lhe amigavelmente, lhe interpelou da seguinte maneira: me assombra a tua soberba, quer dizer, que, todavia, não tendes chegado à humildade, apesar de ter-te dedicado à assídua leitura de inumeráveis livros; isto certamente acontece porque a “ciência deste mundo”, na que pensas que superas a todos os demais, é “estultícia diante de Deus”, e por isso “inchas”. A verdadeira ciência, em compensação, conduz à humildade (NICOLAU DE CUSA, 2001, p. 30).

Mais adiante no texto, o iletrado coloca para o orador do fórum romano e para o filósofo aristotélico que a filosofia *grita nas praças* e seu clamor *ressoa*, chamando-nos a atenção para a importância da leitura do mundo e do cultivo das faculdades que nos são próprias. Deixa bem claro que não nega a importância da leitura dos livros, mas que nós não podemos nos fechar arrogantemente neles e desvalorizar toda uma cultura que existe para além do rebuscamento das letras. Neste sentido, o tema da experiência, central nesta obra, é reabilitado na expressão das simples ocupações humanas, como a feitura de colheres de madeira e as práticas de pesar, contar e medir que podem ser observadas num mercado¹.

Ora, muitas vezes parece que a maioria dos acadêmicos se comporta muito mais como o orador do fórum romano de Nicolau de Cusa do que como o iletrado que, entretanto, parece enxergar mais longe na sua humildade de não saber e, portanto, na sua sabedoria socrática. Se pensarmos bem, a Filosofia parece sempre fechada em limites pré-determinados, em muros quase intransponíveis. Será que ela está fadada a perecer (e não florescer) somente no espaço acadêmico? O que é feito para levar a Filosofia para além dos muros da Universidade? Para o cotidiano da população em geral? Pensamos, então, qual o lugar da Filosofia na sociedade? Não é difícil notarmos em nós e à nossa volta os sinais dos vícios acadêmicos, tais como uma linguagem verborrágica, a inacessibilidade dos conteúdos filosóficos para o público em geral, e pouco vemos

¹ Aliás, o mercado é o horizonte do diálogo. O *De sapientia* se passa na loja de um barbeiro, de onde se vê o mercado, e o *De mente* e o *De staticis experimentis* passam na modesta oficina do fazedor de colheres (o iletrado), de onde, também, se vê o mercado. São com as ações que se passam no mercado, pesar, medir, contar etc, que o iletrado falará sobre as funções da mente humana.

da Filosofia apresentada por Nicolau de Cusa em seus Diálogos *Idiota*; ou mesmo da Filosofia Socrática, feita também no mercado, no convívio com os outros, no questionamento dos seus problemas mais prementes; ou mesmo na filosofia grega de uma maneira geral, aceitando-se a tese de Pierre Hadot de que a vida nos dá a possibilidade de filosofar, como ele afirma se referindo a Sócrates: “Ele foi o primeiro a mostrar que, em todos os lugares, em tudo que nos chega e em tudo o que fazemos, a vida quotidiana nos dá a possibilidade de filosofar” (HADOT, 2006, p. 61).

Neste sentido, nos indagamos sobre a possibilidade de trabalhar a Filosofia de uma forma mais simples. Acreditamos ser possível, uma vez que começamos a filosofar com o nosso cotidiano, com as coisas mais costumeiras, mas parece que com o tempo a Filosofia primeira se perdeu e se fechou num mundo acadêmico, constituindo privilégio para poucos e por vezes encarada como impossível de ser propagada para o público em geral. É notório ressaltar que o conhecimento é móvel, e pode ser levado e aceito em lugares diversos e que a Filosofia pode ser usada em todos os momentos como uma espécie de coluna em relação ao que a sociedade pensa, sensibilizando o lado reflexivo das pessoas sobre todas as questões e ajudando a desconstruir/construir determinadas ideias, formando pensamentos cada vez mais críticos e mentes conscientes da sua capacidade de perceber o que ocorre à sua volta.

Acreditando que o ato de filosofar pode ser uma atividade cotidiana, e se manifesta também fora dos livros, e não é restrita ao estudante de Filosofia *stricto sensu*, e que esta pode fascinar quem a conhece, como alunos do ensino fundamental de uma escola pública. Fugiremos deste academicismo apregoadado por tantos e buscaremos repensar o lugar da Filosofia na sociedade, repensando, ao mesmo tempo, o lugar das pessoas no “mundo” da filosofia. Quem sabe como aquela que *grita nas praças e ressoa*. Neste caso, *grita nas escolas de ensino fundamental e médio*, já que se trata de implantar um projeto nas escolas públicas, promovendo a interação entre conhecimento acadêmico (universitário) e conhecimento escolar (muitos alunos das escolas que fazem parte do projeto ainda não viram Filosofia), numa verdadeira troca de saberes em que ambos serão ressignificados.

Assim, podemos dizer que este projeto surgiu através de uma indagação sobre o que nós acadêmicos estamos fazendo pela nossa comunidade. Cercados de livros, conteúdos, e em meio aos muros da Universidade, como podemos levar a Filosofia para fora, inseri-la no dia a dia da população, mesmo sendo uma população escolar, ou seja, que faz parte de uma escola². Assim, certos da validade da experiência de filosofar fora do ambiente acadêmico, fazendo um paralelo entre as filosofias dos livros e a possível filosofia dessa comunidade, acreditamos que podemos unir e enriquecer as nossas leituras de mundo. Seguramente iremos nos surpreender com o que poderemos aprender nos momentos vivenciados ali e com o que poderemos repassar. Estamos cientes das dificuldades de adequação de vocabulário, de aceitação pelos alunos, visto que a Filosofia é por vezes negligenciada nas escolas e pelo público geral desconhecida ou deturpada. Todavia, sabemos também do fascínio que a Filosofia pode provocar se for trabalhada de maneira que as pessoas entendam que este conhecimento é mais cotidiano do que se pensa. Vale ressaltar que também é uma maneira de divulgar e de propagar os conhecimentos filosóficos de forma a fazer parte da vida dos alunos das escolas.

Acreditamos que filosofar é abrir a mente para novos conhecimentos, é ampliar a visão do todo para além do senso comum e do que é difundido somente pelas mídias mais acessíveis ao público geral. Deste modo, estamos certos de que os alunos que terão acesso a esses encontros da *Filosofia no Mercado*³ serão beneficiados e instigados a ampliar suas áreas de conhecimento e isso pode também modificar suas vivências e suas relações diversas, abrindo horizontes diante do que lhes é, muitas vezes, imposto. Como podemos ver em outro objetivo do Curso de Filosofia, em seu Projeto Pedagógico, é possível estabelecer a relação entre a atividade filosófica e a ação pedagógica, viabilizando, por intermédio do exercício crítico e reflexivo das práticas sociais, ações de transformação emancipatória e humanizadora da realidade.

² A escola que trabalhamos até o momento é de tempo integral, logo, faz parte do dia a dia dos estudantes.

³ Mercado, no título, tem o sentido também do cotidiano da Filosofia, como nos mostra Nicolau de Cusa e Pierre Hadot, ou seja, a filosofia começa questionando os temas do dia a dia e muitas vezes esses temas foram discutidos no mercado, na praça, no ginásio de esporte...

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Divulgar a Filosofia de forma simples, saindo do *locus* da Universidade, e rompendo os limites do academicismo, chegando, então, as escolas públicas da cidade de Campina Grande –PB, promovendo a união da leitura dos livros com a leitura do mundo.

Objetivos específicos

Traçar metas de propagação de um certo modo de fazer Filosofia, adequando-a e tornando-a acessível a públicos diversos, incitando a reflexão de temas desde os mais cotidianos até os mais complexos por meio do estímulo à leitura, entendida aqui em sentido amplo.

Possibilitar o encontro da Filosofia com o cotidiano que é onde realmente ela começa, com os questionamentos aparentemente mais simples, atestando que é possível fazer Filosofia para além dos muros da Universidade.

Estimular o interesse pela Filosofia e temas dela recorrentes como a política, a vida, a ética, e demais temas que serão trazidos pela própria comunidade, por meio da sondagem que foirealizada⁴, tentando esclarecer problemas do dia a dia por meio de leituras e debates filosóficos.

Quebrar os preconceitos de que a Filosofia é inacessível, inaplicável, ou ainda, inútil, assim sendo, desvelando a importância que esta pode ter no dia a dia dos participantes deste projeto.

Objetivos alcançados

Foram realizados três encontros⁴ na Escola E.E.F.M Assis Chateaubriand, um a cada mês, num período de dois meses, no bairro de Santo Antônio na cidade de Campina Grande, onde aconteceram discussões de temas, tendo como base a Filosofia. Almejava-se que os alunos despertassem a curiosidade e o interesse por temas cotidianos, fazendo leituras filosóficas de acontecimentos do dia-a-dia. É certo que o projeto está em sua fase inicial e que ainda estamos galgando etapas em direção aos objetivos mais específicos. Nesse processo de análise e adaptação o intuito é de alcançar a melhor forma de conscientização dos alunos para o fato de que a Filosofia está inserida em todos os âmbitos de suas vidas.

Vale ressaltar que foi levada em consideração a participação de cada aluno nos encontros, e a partir das percepções que tivemos, com a cooperação da equipe, arquitetamos o encontro seguinte, de acordo com a demanda e as necessidades que os próprios alunos da escola nos forneceram.

Metodologia e discussão das ações desenvolvidas

As metodologias usadas nos encontros foram: discussão, com o uso de slides, dinâmicas de apresentação, exibição de filmes, provocações de debates, encenação teatral, leitura de textos clássicos (Antígona) entrega de ficha de sondagem e panfleto informativo sobre o tema debatido.

Abrimos o primeiro encontro com uma dinâmica de apresentação, assim desenvolvemos uma ligação inicial com o grupo. Em seguida entramos no tema “Os diferentes tipos de leituras” que podemos fazer do mundo, com o uso de imagens e provocando reflexões e discussões com os

⁴ Dois com a equipe da UEPB, pois o projeto se realiza como um todo, ou seja, a professora da escola, Thays de Sousa, mantém a ideia dos encontros com a equipe e assim já discutiu, como propõe o projeto, os temas *arte e tecnologia*.

alunos, para concluir foi entregue uma ficha de sondagem para que os alunos preenchessem e pudessem, assim, nos fornecer o tema do encontro seguinte.

O encontro seguinte foi traçado de acordo com o que apreendemos de informações com os próprios alunos na ficha de sondagem. Houve uma apuração sobre qual tema proposto tinha cotação maior. Assim sendo, foi escolhido como tema “Anime” como subtema “Justiça”, de acordo com a perspectiva do tema do próprio Anime escolhido, e tendo como base a filosofia de Platão.

O terceiro encontro teve como tema gerador o Teatro Grego e a leitura dos clássicos. A obra escolhida foi “Antígona” escrita pelo tragediógrafo grego Sófocles (496-406 a.C.). No primeiro momento foi realizada uma acolhida através de uma dinâmica de apresentação de todos os envolvidos, depois foi contextualizado o porquê da maldição que recaiu sobre Édipo e os seus descendentes. E por último fechando o terceiro encontro, os alunos foram estimulados a participarem da leitura em voz alta e da encenação de “Antígona”. A participação foi satisfatória. Após esse momento os alunos confeccionaram cartazes expressando suas opiniões acerca daquele encontro, daquele tema.

Resultados

Pensamos que três encontros ainda é pouco para fazermos essa avaliação, mesmo assim, podemos dizer que os alunos têm muito a falar e querem discutir muitas coisas, sendo os seus “falares” fruto do ambiente que vivem. Neste sentido, o espaço do projeto é um espaço que eles utilizam para dar vazão às suas necessidades, aos seus medos, às suas dúvidas.

Conclusão

Referências

- ARANHA, Maria Lúcia de A. e MARTINS, Maria Helena P. **Temas de Filosofia**. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2005.
- DaniCavallaro. **CLAMP in Context: A Critical Study of the Manga and Anime**. Carolina do Norte: McFarland, 2012.
- FREIRE, Madalena(org). **Observação, registro, reflexão**. Instrumentos metodológicos I. 3ª ed. São Paulo: Artcolor Ltda, 2003.
- HADOT, PIERRE. **Ejercicios espirituales y filosofía antigua**. Traducción de Javier Palacio. Madrid: Ediciones Siruela, 2006.
- HAVELOCK, E. A. **A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais**. Tradução Ordep Serra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- HUGO DE SÃO VÍTOR. **Didascálicon –Da arte de ler**. Trad. A. Marchionni. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NICOLAU DE CUSA. **De Sapientia**. Livro I. In: Introducción, traducción y notas de Ángel Luis González, NICOLÁS DE CUSA, Diálogos del idiota. EUNSA: Navarra, 2001.
- PLATÃO. **A república**. Tradução M. R. Pereira, 8ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- STREHL, Afonso e REQUIA, Ivony da Rocha. **Estrutura e funcionamento do ensino fundamental e médio**: subsídio para alunos e professores, de acordo com a Lei de nº 9394/96. Porto Alegre: Sagra/Luzzatto, 1997.